



CIDADE E CIDADANIA

BRASÍLIA, TRAJETÓRIA DE UMA INVENÇÃO

Matheus Gorovitz

Matheus Gorovitz é Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado(1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estágio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Atualmente é professor titular aposentado do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

RESUMO

Lúcio Costa dá sentido ao reunir o público e o privado sem hierarquia e subordinação transparece no risco onde os eixos se cruzam e se completam em *pé de igualdade*. O confronto com o risco alternativo no processo de elaboração evidencia as razões da linearidade axial adotada. O trabalho perpassa por marcos das tradições ocidentais com o intuito de pensar se há o fato de desenho não ter superado as contradições e a atitude de indiferença prevalecer, insistindo em subverter e mutilar a cidade, evidencia o caráter utópico do projeto: a aspiração de humanizar o viver permanece ainda como promessa.

Palavras-chaves: Cidade e Cidadania; Desenho; Antecedentes; Concepção; Utopia.

ABSTRACT

Lúcio Costa makes sense by bringing together the public and the private without hierarchy and subordination, it is evident in the risk where the axes cross and complete each other on an equal footing. The confrontation with the alternative risk in the elaboration process shows the reasons for the axial linearity adopted. The work goes through milestones of Western traditions in order to think if there is the fact that drawing has not overcome the contradictions and the attitude of indifference prevails, insisting on subverting and mutilating the city, highlights the utopian character of the project: the aspiration to humanize living still remains a promise.

Keywords: Aesthetics; Theology; Deconstruction; Descartes; Wolff; Baumgarten; Kant.

PREÂMBULO

Lucio Costa sublinha que Brasília foi inventada (fig. 1).

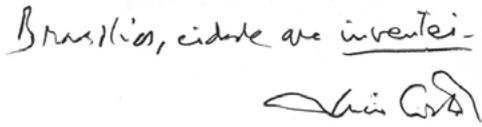


Figura 1

Invenção é o que altera o existente, difere de Criação que tira do nada, como quando se diz criação do mundo.

Lucio Costa adverte: “A melhor forma de prever é olhar para traz” (COSTA 1995, p. 346).

Não é por acatar as orientações preconizadas pela Carta de Atenas que se reconhece a inventividade: setorização de funções, cidade parque, módulo de vizinhança, separação do tráfego de automóveis e pedestres, disposições já adotadas.

A invenção reside fundamentalmente no “entrosamento do monumental e o doméstico num todo harmônico e integrado” (COSTA 1995, 308). O sentido de reunir o público e o privado sem hierarquia e subordinação transparece no risco onde os eixos se cruzam e se completam em pé de igualdade (fig. 2).

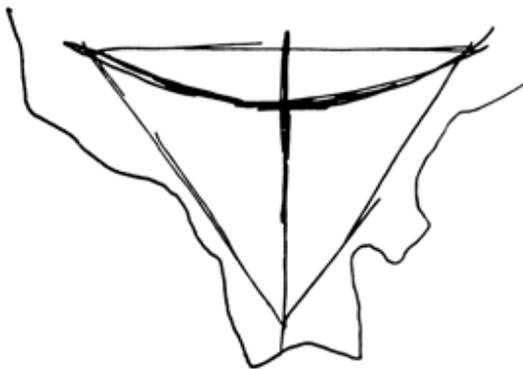


Figura 2

O partido reitera a Cidadania¹, o modo de coabitar a Cidade alicerçado na conciliação de valores²:

Os interesses do homem como indivíduo nem sempre coincidem com os interesses desse mesmo homem como ser coletivo; cabe então ao urbanista procurar resolver, na medida do possível, esta contradição fundamental (COSTA 1995, p. 277).

Lucio Costa reitera o segundo ponto de doutrina da Carta de Atenas redigida por Le Corbusier em 1933:

Justapostos ao econômico, ao social e ao político os valores de ordem psicológica e fisiológica próprios ao ser humano introduzem no debate preocupações de ordem individual e de ordem coletiva. A vida só se desenvolve na medida em que são conciliados os dois princípios contraditórios que regem a personalidade humana: o individual e o coletivo (http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf . Acesso em 30/05/2021).

É surpreendente a previsão:

A moradia do homem comum há de ser o monumento símbolo do nosso tempo, assim como o túmulo, os mosteiros, os castelos e os palácios o foram em outras épocas (COSTA 1995, 310).

Predição concretizada ao atribuir “Certo modo monumental” do setor residencial para contrabalançar o administrativo:

Imaginei as Superquadras para conciliar a escala monumental, inerente à parte administrativa, com a escala menor, íntima, das áreas residenciais [...] Por seu tamanho, pela volumetria do conjunto e pela escala, adquirem essa feição de certo modo monumental (COSTA, 1995, p. 310).

A composição não é ordenada pela centralidade como ocorre em Paris e Washington, (fig. 3) onde os monumentos e os lugares de celebração comparecem como centros emblemáticos incumbidos de articular de modo hierárquico os setores da cidade. O traçado de Brasília difere dos supracitados pela ausência de hierarquia decorrente da equivalência das escalas e da descentralização do centro cívico como foco da composição:

Figura 3 - Place L'Étoile - Paris / Washington



1

O termo Cidade – *Civitas* – coletividade de cidadãos – designa hoje, vulgarmente, o que a antiguidade grega entendia por *Urbs*, do mesmo modo como a palavra “cidadão” comparece no dicionário como “Habitante da Cidade”. Para Aristóteles o sentido original de cidadão refere-se à responsabilidade compartilhada: “Cidadão é quem toma parte no fato de governar e ser governado” (ARISTÓTELES apud RANCIERE, 2005, 15).

2

“A separação do público e do privado se tornaria um princípio fundador da ordem social: ao privado a liberdade dos indivíduos em toda sua diversidade, ao público a afirmação da igualdade de direitos dos cidadãos” (SCHNAPPER 2000, p. 26-27).

Cumprir lembrar que a não diferenciação entre vida pública e vida privada define a noção de *Totalitarismo*.

O fato de o centro administrativo da capital não estar no centro da cidade propriamente dito. O normal seria tal centro envolvido pela área urbana. Mas, na concepção de Brasília, ele foi levado ao extremo da composição urbanística da cidade (fig. 4) (COSTA, 1974, p. 25)

O confronto com o risco alternativo no processo de elaboração (fig. 5) evidencia as razões da linearidade axial adotada: faculta discernir e identificar o doméstico do monumental e o modo como são articulados.

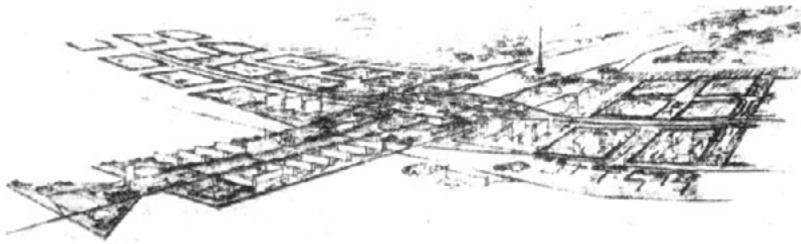


Figura 4

O confronto com o risco alternativo no processo de elaboração (fig. 5) evidencia as razões da linearidade axial adotada: faculta discernir e identificar o doméstico do monumental e o modo como são articulados.

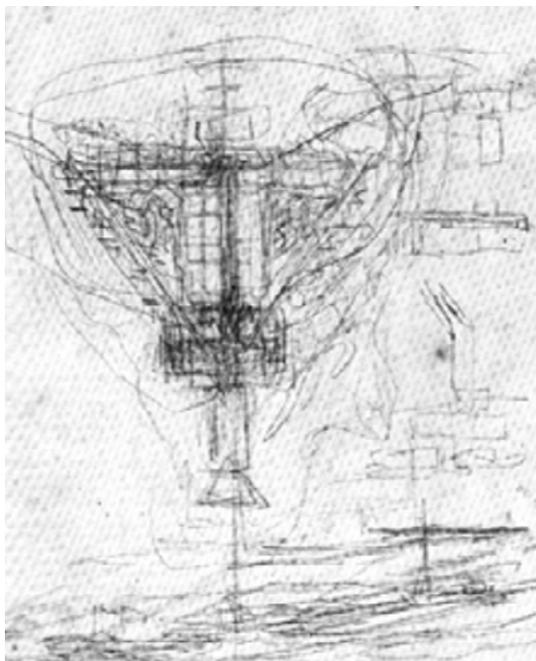


Figura 5

ANTECEDENTES

As sucessivas transformações no modo de articular a ordem privada e a pública ressalta a ilimitada vocação propriamente humana de inventar e se rein-

ventar, desde os agrupamentos primitivos onde os espaços públicos e os privados estão imbricados, aos hierarquicamente delimitados (Impérios Agrários), ordenados por um sistema hipodâmico (Grécia Clássica) ou dicotomizados (Idade Média). Na trilha da Roma Imperial sucedem-se cidades onde os lugares de celebração assumem missão centralizadora (Renascimento, Barroco, Neoclássico).

NEOLÍTICO - ÇATALHUYUK

A cidade de Çatalhuyuk (6250 – 5400 BC) comportava 5 000 a 7 000 habitantes irmanados pelo comum acordo de uma economia da caça e coleta do que a natureza providenciava espontaneamente (fig. 6).

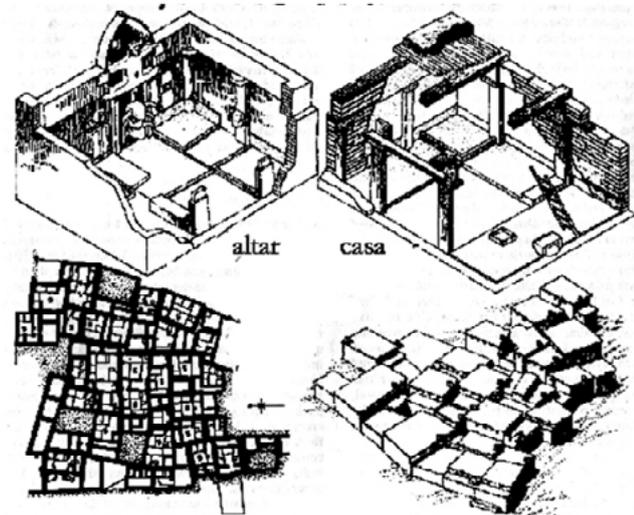


Figura 6

A fusão entre o homem e a natureza manifestava-se no animismo, crença que discrepa da religião pela relação imediata entre a esfera profana e a sagrada, veneram-se entidades particulares, não mediatizadas por deidades universais e abstratas. A intimidade homem-natureza engendrava a consciência social comunitária moldada sem interferência de uma ordem religiosa ou de estado. Tal socialismo primitivo distinguia-se pela igualdade e ausência de relações de propriedade, poder ou hierarquia sedimentada, fatores de estratificação social.

Os princípios fundamentais que amparavam a sociedade eram o compartilhamento e a solidariedade – há concordância entre os valores do homem como indivíduo e como ser coletivo³.

s relações sociais e o grau de consciência espelham e se espelham na ausência de praças, monumentos e na homologia entre os espaços cerimoniais e os domésticos, imbricados e indiferenciados.

3
 “A relação dos homens com o sobrenatural é estruturada pelas lógicas de aliança e reciprocidade. Os espíritos estão presentes em todas as coisas, e os ritos visam a propiciar a colaboração deles: é muito mais como um vínculo de troca e de reciprocidade do que como um vínculo de dominação que se dá a relação do homem com o invisível” (LIPOVETSKY 2005, p. 29).

A estatueta encontrada nas ruínas de Çatalhuyuk (fig. 7) representa num mesmo bloco esculpido, a figura feminina enlaçada a uma criança e, simultaneamente, ao amante. Identifica a aliança imediata, aproximada, contínua e íntima das esferas do amor sagrado e do profano.



Figura 7

As diferenças reaparecem no confronto entre os murais encontrados em Çatalhuyuk (fig. 9) com a placa votiva de Ur (fig.10).



Figura 8

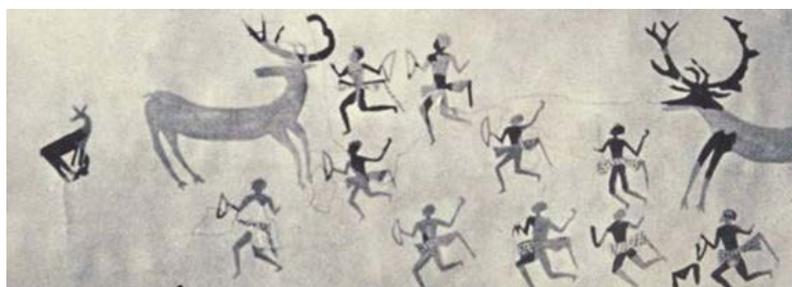


Figura 9

IMPÉRIOS AGRÁRIOS – UR

Da domesticação de plantas e animais decorrem assentamentos mais populosos, o regime de propriedade de terras cultiváveis implica em um arcabouço jurídico e hierárquico abalizado nas convicções de governantes.

O regime hegemônico legitimado por delegação divina se incumbe de resolver conflitos fundiários e, como mantenedor da ordem política e social, é o fator agregador da comunidade, nesta linhagem insere-se o Código de Hamurabi⁴.

Em Ur (terceiro milênio antes da era cristã) (fig. 8), o poder centralizado transparece na hierarquia dos lugares sagrados e profanos: de um lado o centro cerimonial com feições monumentais contrasta com a espacialidade dedéala dos lugares destinados à vida cotidiana. O Temenos, cidadela sagrada reservada às celebrações cerimoniais, se destaca pela plataforma elevada e pelo ordenamento geométrico. Ruelas inexistentes em Çatalhuyuk articulam agora os lugares. A cidade murada determina duas ordens de espaço: o *espaço lugar*, confinado, e o *espaço vazio*, da natureza.



Figura 10

4 Com o advento do Estado, a relação com o sagrado moldou-se na forma de relação dos homens com os soberanos terrestres, ao mesmo tempo em que a instância política se impôs como uma ordem de essência divina. [...] Assim, na Mesopotâmia, os deuses são assimilados a 'senhores e amos' que intervêm nos negócios do mundo como os reis em seu reino (LIPOVETSKY, 2005, 30).



Figura 11

GRÉCIA ANTIGA – PRIENE

Em Priene (IV A.C.) (fig. 11), as disposições ordenadoras de templos, palácios egípcios e sírio babilônicos são rebatidas à cidade grega concebida como um todo articulado mediante o traçado hipodâmico. A trama reticulada não hierarquiza os lugares de celebração cívica e os espaços da vida doméstica. Espaços confinados ou abertos configuram praças destinadas à função pública seja de caráter gregário – Ágora ou de caráter sagrado – Acrópole. O equilíbrio entre o público e o privado é assim descrito por Vernant:

A ordem não é mais hierarquizada, ela consiste na manutenção de um equilíbrio entre potências de agora em diante iguais, sem que prevaleça por nenhuma delas um domínio definitivo sobre as outras que conduziria a ruína do cosmos (VERNANT, 1981, p.123).

A trama espacial reguladora do traçado motiva a ubiquidade: a impressão de vivenciar de modo simultâneo todos os espaços da cidade.

A colonata que adorna o interior dos templos egípcios volta-se para fora e, ao permear as fachadas, assinala o acesso franco das graças divinas a todos os cidadãos (fig. 12).



Figura 12

A colunata que adorna o interior dos templos egípcios volta-se para fora e, ao permeiar as fachadas, assinala o acesso franco das graças divinas a todos os cidadãos (fig. 12).

As habitações muradas faceando a rua preservam o decoro mediante um pátio para onde se voltam os ambientes domésticos.

A Grécia Antiga consubstancia nas cidades a noção de cidadania ao exaltar os atributos do indivíduo enquanto ser coletivo; a unanimidade de sentimento (homonia) engendra a concórdia amistosa.

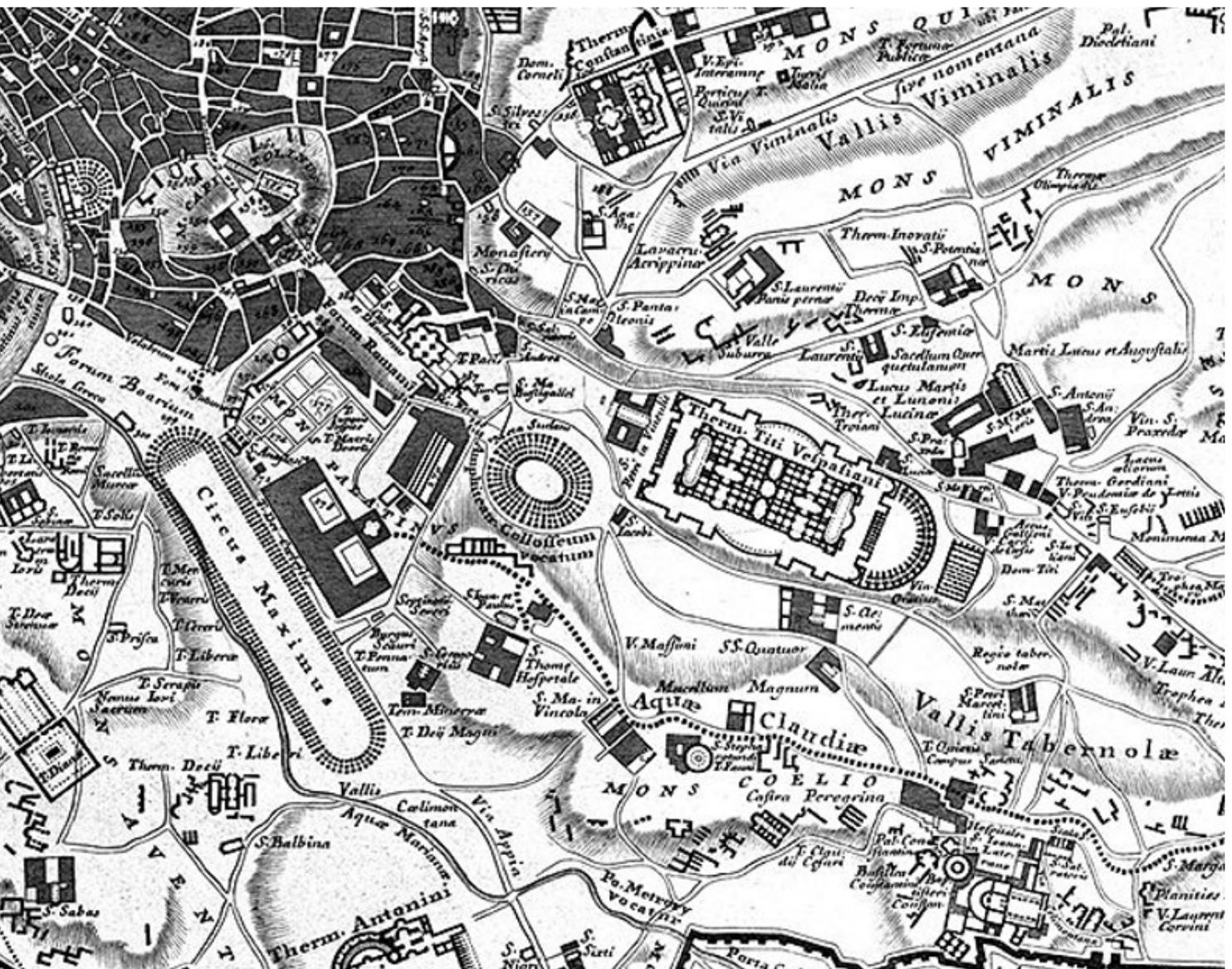
de direitos e deveres é celebrada pelo desenho da cidade e da arquitetura. A axialidade, fator de estruturação da cidade romana, contrasta com a homogeneidade das cidades gregas. Compete ao eixo articular os recintos de encontro – praças, templos e fóruns (fig. 13). O caráter volitivo da axialidade é celebrado por Le Corbusier:

O eixo é o ordenador da arquitetura, uma linha de conduta para um fim [...] O eixo é talvez a primeira manifestação humana; ele é o instrumento de todo ato humano. A criança que titubeia tende na direção do eixo, o homem que luta na tempestade da vida traça para si um eixo (LE CORBUSIER 1995, p. 151).

ROMA

O direito jurídico romano, contribuição que perdura, considera tanto a dimensão do indivíduo enquanto pessoa, assim como ser coletivo. A noção

Figura 13



A Cidade Romana inaugura espaços públicos em amplos interiores como o Panteão articulado à cidade pelo pórtico e à esfera celeste pela cúpula. Assim conjugados consagram, reconhecida a diferença, o limiar entre o sagrado e o profano – o privado e o público (fig.14).

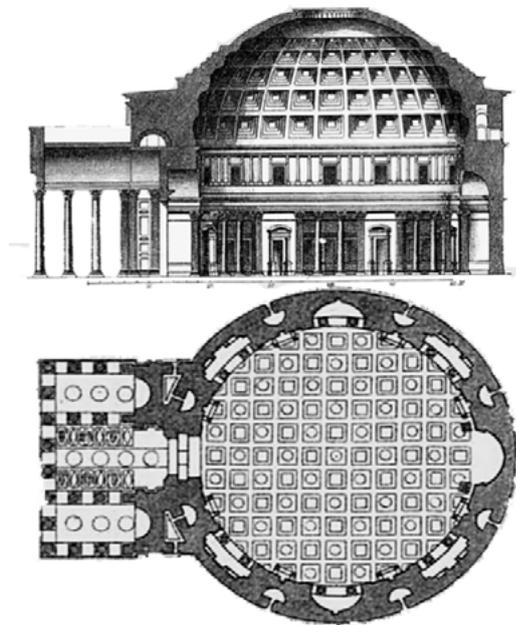


Figura 14 - Panteão

O espaço considerado como substância ativa corresponde à temporalidade histórica contraposta ao tempo cíclico da natureza. Norberg Schultz anota:

espaço romano concretiza a visão de mundo não como uma ordem estática eterna (tal qual resulta do espaço ortogonal dos Egípcios) mas como cenário da ação humana inspirada pelos deuses [...] Em Roma os elementos ortogonais e rotativos se combinam para formar totalidades complexas, organizadas axialmente. Devemos igualmente mencionar que o eixo romano se refere geralmente a um centro resultante na maioria das vezes de uma interseção de eixos. A significação do eixo romano difere daquela que simboliza o percurso egípcio [...] Uma segunda característica distintiva da arquitetura romana reside na utilização estendida e variada dos espaços interiores assim como dos espaços exteriores 'ativos', distinguindo a arquitetura romana espacial, em contraste com aquela plástica dos gregos (SCHULTZ 1997, p. 96 – 82).

A ordem cósmica e a ordem temporal são articuladas pelo *Cardo* e o *Decumano* que se estendem para além dos limites da cidade e configuram a *Urbe et Orbe*, a Cidade e o Universo, o microcosmo e o macrocosmo. O arco do triunfo, invenção romana, assinala o trânsito entre a dimensão temporal e a atemporal (fig. 15). A imortalidade, triunfo sobre a morte, é doravante legitimado pela história e não, como na civilização egípcia, pela ordem da natureza e da abstração das forças cósmicas. Segundo Norberg Schultz:

Para os romanos, a existência terrestre não era apenas uma reprodução de arquétipos ideais. A ordem cósmica e a ação prática eram entendidas como dois aspectos do mesmo processo histórico, ou seja, o reconhecimento da história como dimensão fundamental da existência humana (SCHULTZ 1977, p. 112).



Figura 15



Figura 16

GÓTICO

O cristianismo primitivo se contrapõe à escravidão, alicerces econômico e social do Império Romano, apregoa a igualdade de todos os homens, filhos do mesmo Deus. Da pré-história à civilização greco-romana, a noção de afinidade e harmonia entre o sagrado e o profano estruturava a cidade. O medievo concebe a cidade como expressão de transcendência entre o sagrado e o profano. O amor sagrado se objetiva pela sublimação do amor profano, visualizado pelo escultor do “pecado original” do capitel do claustro de Monreale na Sicília (fig. 16).

A axialidade que direciona as torres ao firmamento comparece inicialmente no interior das basílicas primitivas em seguida nas catedrais, para congregar o *Templum* – local sagrado e a *Eclesia* – assembleia dos fiéis (fig. 17).

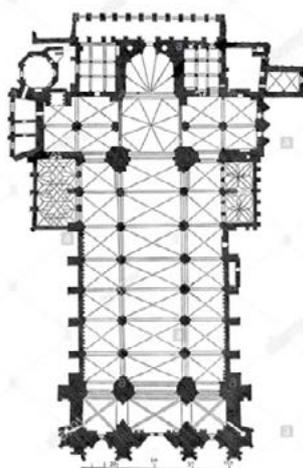


Figura 17 - Catedral de *Strasbourg*



A *Civitas Dei* se instaura por oposição a *Civitas Terrena*. A dicotomia entre o espaço imbricado e dedáleo do cotidiano e a retitude das catedrais acrescida da luz diáfana dos vitrais e altivez dos tímpanos celebra a cidade pela epifania – a reve-

lação do inefável (fig. 13). Dicotomia corroborada no contraste entre a cidade murada e o campo, a *Civitas Dei* se instaura por oposição a *Civitas Terrena*. No afresco de Giotto, a cidade de Deus triunfa sobre o caos da cidade dos homens (fig. 19).



Figura 18 - Carcassonne

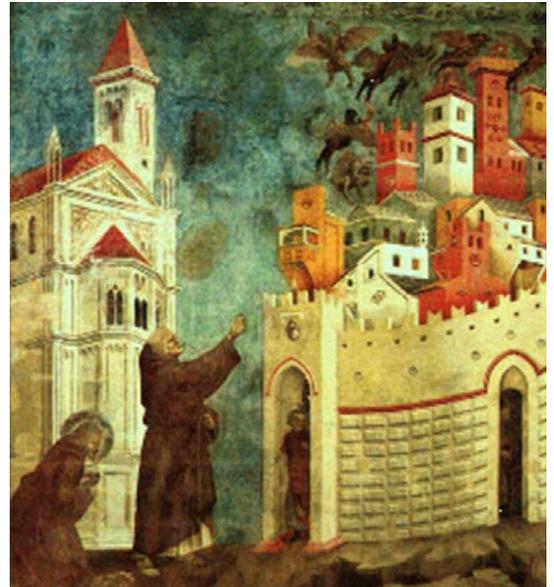


Figura 19 – Giotto, afresco: S. Francisco exorcizando os demônios de Arezzo

RENASCIMENTO

A busca fundamental de toda arte renascentista, sintetizada pela invenção da perspectiva, é a inserção do cotidiano no sagrado. A perspectiva, representação finita do espaço infinito, rejeita a espacialidade ilimitada da arquitetura gótica e situa sua regra na proporcionalidade.

A diferença de ideário renascentista e medieval transparece no confronto do rosto desenhado por Villard de Honnecourt, enquadrado na geometria preestabelecida, e o de Leonardo que infere a geometria da experiência sensível – “Todo conhecimento principia do sentimento”, afirmava (fig. 20).



Figura 20 - Desenhos de Villard de Honnecourt (à esq.) e Leonardo Da Vinci (à dir.)

A invenção da perspectiva exata dará nova feição à cidade renascentista. A racionalidade na relação espacial entre as edificações da cidade incluirá no coletivo a condição relativa e particular do indivíduo, dito de outra forma, incluirá o secular como o fator que engendra o sagrado (fig. 21).

Figura 21



A Cúpula da Catedral de Santa Maria Del Fiore (fig. 22) ilustra o modo como o Renascimento reformulará o pacto entre o sagrado e o profano, a exemplo das catedrais, domina igualmente a cidade, mas o sentido é outro, enquanto a catedral assinala artisticamente o infinito, a cúpula, ao contrário, expressa a noção do finito e estabelece uma correspondência entre espaço interno e externo. Para Argan:

Escolhendo o arco ogival Brunelleschi acentua a oposição de forças, um dispositivo que organiza as forças e instaura um equilíbrio, não é a resultante natural de forças em equilíbrio, é um organismo autônomo cuja função essencial é a de estabelecer uma relação entre espaço interno e espaço externo [...] A cúpula é um dispositivo perspético cujas nervuras coincidem em um ponto, este ponto é representativo do infinito, de modo que a estrutura arquitetônica é a estrutura mesma do espaço [...] Recusa a concepção tradicional do mundo como emanção divina por uma representação objetiva, metódica das coisas (ARGAN, 1981, 44, 54).



Figura 22

BARROCO

Imbuído de celebrar a autoridade de Estado por delegação divina, a contribuição do Barroco consiste em configurar a *Cidade-Capital*. Novos ordenamentos urbanos são criados para monumentalizar a cidade, as ruas transformam-se em avenidas direcionadas às Praças, sede dos monumentos. Unidades residenciais geminadas assumem caráter Palaciano (fig. 23).



Argan comenta: “Toda a superfície da cidade se torna sagrada e assume um valor ideológico” (ARGAN 1994, p. 31). O Barroco exalta a imaginação como a prerrogativa capaz de potencializar o caráter volitivo da subjetividade (fig. 24).

Figura 23
The Circus, Bath



Figura 24
Praça S. Pedro – Roma –
Bernini

Benjamin reconhece a percepção alegórica do Barroco como libertária, define alegoria como tradução sensível do conceito, diferencia do símbolo que conceitua o fenômeno e balizará a Arte Clássica.

Como fator de transformação, a vontade aspira a liberdade. Nesse sentido Walter Benjamin comenta: “A subjetividade manifesta e visível representa a garantia formal do milagre, porque anuncia a própria ação de Deus” (BENJAMIN 1984, p. 237).

NEOCLÁSSICO

A cidade neoclássica não promove, como a barroca, uma percepção motivada pela imaginação diante da obra aberta, sedutora, próxima, sensorial, sincrônica e alegórica. Igualmente concebida como um todo monumental, é, porém, despojada de qualquer conotação alegórica. Volta a imperar a visão simbólica, reconhece o sistema plástico concebido como entidade autônoma, transparecem todos os indícios necessários e suficientes de decodificação dos seus conteúdos. Ledoux a denomina “arquitetura falante” (fig. 25).

No novo ideário a recepção é fruto de uma reconstrução intelectual, distanciada e diacrônica de entidades autônomas que compõem a obra. O sentido do sagrado é tributário do indivíduo consciente de

sua autonomia. Ideário que Le Corbusier herdará (KAUFFMAN 1982, p. 71).

Um homem que procura a harmonia tem o sentido do sagrado. Há coisas que não se tem o direito de violar: o segredo que está em cada ser – esta grande ordem ilimitada onde se pode, ou não se pode alojar sua própria noção do sagrado – individual, totalmente individual. Isto também se chama a consciência e é esta ferramenta de medida e responsabilidade ou de efusões que se estende do discernível (LE CORBUSIER 2007, p. 19).



Figura 25 - Claude-Nicolas Ledoux – Chaux

Além dos “ingredientes” lembrados por Lucio Costa: a lembrança de Paris, o Mall dos ingleses, a pureza de Diamantina, e a técnica oriental dos terra-
plenos (COSTA, 1995, 282), a retrospectiva permite reconhecer disposições que situam Brasília como manifestação enraizada na História das Cidades,

- A oposição *Sagrado Profano* (fig. 26) é análoga à que os romanos estabeleceram entre o *Público* e o *Privado* como modo de fomentar laços de sociabilidade. Para Goethe, a representação do sagrado cumpre a vocação de conferir identidade ao grupo: “É o que une as almas”. Nesta linhagem insere-se a noção de Escala enquanto dimensão da consciência humana que transparece por uma dimensão física¹.

Brasília foi concebida precisamente para o homem e isto em função de três escalas diferentes, porque a chamada escala humana é coisa relativa. O italiano da Renascença, por exemplo, se sentiria diminuído se a porta de sua casa tivesse menos de cinco metros de altura (COSTA 1962, p. 306).

As esferas da vida pública e a da vida privada transparecem pelas escalas, a *Monumental em que o ho-*

mem adquire dimensão coletiva, a Cotidiana, que “terá feição recolhida e íntima” nas áreas de vizinhança constituídas de superquadras.

A invenção se evidencia, além do fato de contrabalançar as escalas *Cotidiana* e *Monumental*, em incorporar uma terceira escala, a *Coloquial*, onde a dimensão coletiva se origina na convivialidade afetiva e não na consciência cívica.

A escala Gregária, onde as dimensões e o espaço são deliberadamente reduzidos e concentrados a fim de criar clima propício ao agrupamento, tanto no sentido exterior da tradição mediterrânea como no sentido nórdico do convívio interior (COSTA, 1962, p. 344).

No mesmo sentido de preservar a equivalência das partes, a escala gregária comparece discretamente sem distinguir-se pela singularidade do tratamento Arquitetônico, insere-se com singeleza sem competir com as demais. Recomenda o relatório: “*Gabarito baixo e uniforme*” (COSTA, 2000, 289). O saguão da estação rodoviária aflora modestamente como sugerido no Relatório do Plano Piloto: “*disposto lateralmente [...] construção baixa*” (COSTA, 1995, p. 290) (fig. 27).

1

A mulher de Cezar não basta ser honesta, há que parecer honesta.



Figura 27

- Reconhecemos o traçado hipodâmico da cidade grega na implantação das superquadras. A homologia da estrutura espacial motiva a ubiquidade: a sensação de vivenciar de modo simultâneo todos os espaços da cidade (fig. 28).
- A estrutura axial da cidade romana antecipa o desenho de Brasília: “Dois eixos cruzando-se em um ângulo reto” (COSTA 1995, p. 284).;
- A cidade renascentista é regida pela regra da proporcionalidade, norma também presente no dimensionamento da superquadra: “*Grandes Quadriláteros*” que ordenam a trama urba-

na pela correspondência das proporções das partes entre si e com relação às asas do eixo residencial;

- O Barroco configura a Cidade-Capital, noção presente no partido adotado em Brasília:

Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como *Urbes*, mas como *Civitas*, possuidora dos atributos inerentes a uma capital (COSTA, 1995, 283).

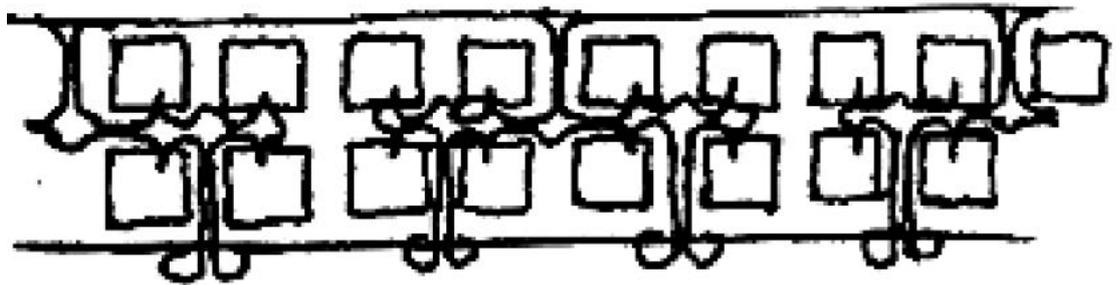


Figura 28

POSFÁCIO

É impossível ser feliz sozinho...
Tom Jobim / Wave

*La beauté n'est que
la promesse du bonheur*
Stendhal

Lucio Costa afirma que Brasília não é apenas um desenho, mas sim uma concepção de cidade: “Cidade é a expressão palpável da humana necessidade de contato, comunicação, organização e troca” (COSTA 1995, p. 277).

A *Convivialidade*, conceito que dá sentido ao projeto transparece na cidade esteticamente qualificada. Rancière situa:

Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a partilha do sensível que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas (RANCIÈRE, 1995, p. 7).

Brasília não é imune à degradação dos valores que instauram a moderna noção de cidadania, nem às desigualdades que contaminam e degradam nossas cidades e nossas vidas. As mazelas que assolam o país, e mesmo o planeta, continuarão enquanto as pessoas forem destinadas a serem de primeira e de segunda classe.

O entrosamento harmônico entre o individual e o coletivo, que estrutura e dá sentido ao desenho, tem sido rompido e corrompido pela dificuldade que a mentalidade arraigada nas raízes patriarcais do Brasil tem em distinguir os interesses privados e públicos. As violações ao ordenamento urbano decorrem do “caráter cordial” apontado por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, a dificuldade em distinguir a coisa pública da privada. Transcrevo:

No homem cordial, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo [...] sociabilidade apenas aparente, que na verdade não se impõe ao indivíduo e não exerce efeito positivo na estruturação da ordem coletiva (HOLANDA, 2005, p. 17-147).

O desequilíbrio tem-se revelado nas transgressões cada vez mais frequentes à integridade do projeto, a desconsideração e apropriação indevida dos espaços públicos privatizando os espaços dos pilotis nas superquadras e dos comércios locais ou reformas que individualizam os blocos em detrimento da integridade da quadra.

O fato do desenho não ter superado as contradições e a atitude de indiferença prevalecer, insistindo em subverter e mutilar a cidade, evidencia o

caráter utópico do projeto: a aspiração de humanizar o viver permanece ainda como promessa. A dimensão utópica é ainda mais decisiva nos tempos obscuros em que vivemos decorrentes da indiferença, indiferença para com o outro, indiferença entre a consciência da coisa pública e privada.

Vilanova Artigas não desanima: “Não é pela utopia que as coisas devem ser criticadas, mas pela impossibilidade de as utopias serem realizadas”.

OBRAS CITADAS

ARGAN, G.C. Brunelleschi. Paris: Macula, 1981.

_____. L'âge Baroque. Genève: Skira, 1994.

BENJAMIN, W. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, L. Monumentalidade e gente, Sobre Arquitetura, Porto Alegre: CEUA 1962

_____. Carta ao Senador Catete Pinheiro, in 10 Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília. Brasília: Senado Federal, 1974

_____. Urbanismo. In: LUCIO COSTA, registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes: 1975.

_____. COSTA, L. 'Relatório'. Brasília, cidade que inventei. Brasília: Ed. GDF 1991

HOLANDA, S.B. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KAUFMANN, E. De Ledoux a Le Corbusier. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

LIPOVETSKY, G. O luxo eterno. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2005.

SCHULTZ, N-B. La signification dans l'architecture occidentale. Bruxelles: Mardaga, 1977.

VERNANT, J-P. Les origines de la pensée grecque. Paris: Quadrige/PUF, 1981.

